

ISSN 0101-3335

LETRAS DE HOJE

Nº 103

MARÇO DE 1996

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

Curso de Pós Graduação em Linguística e Letras

Centro de Estudos da Língua Portuguesa



LETRAS DE HOJE

REVISTA TRIMESTRAL

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
E LETRAS - PUCRS

CENTRO DE ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Chanceler

Dom Altamiro Rossato

Reitor

Professor Irmão Norberto Francisco Rauch

Vice-Reitor

Professor Irmão Joaquim Clotel

Pró-Reitor de Administração

Professor Antonio Mario Pascual Bianchi

Pró-Reitor de Graduação

Professor Francisco Alfredo Garcia Jardim

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Professor Monsenhor Urbano Zilles

Pró-Reitor de Extensão Universitária

Professor Gilberto Mucilo de Medeiros

Pró-Reitora de Assuntos Comunitários

Professora Laury Garcia Job

Diretor da Revista

Prof. Ir. Elvo Clemente

Conselho editorial

para assuntos lingüísticos

Prof. Dr. Augustinho Staub, Prof. Dr. José

Marcelino Poersch, Profª Dra. Leonor Scliar

Cabral, Profª Dra. Leci Borges Barbisan, Profª

Dra. Feryal Yavas e Prof. Dr. Mehmet Yavas.

Para assuntos interdisciplinares:

Prof. Dr. Ignácio Antonio Neis e Prof. Dr. Mons.

Para assuntos literários:

Prof. Dr. Gilberto Mendonça Teles, Profª Dra.

Heda Maciel Caminha, Profª Dra. Petrona

Domínguez de Rodrigues Pasquês e Profª

Dra. Regina Zilberman.

Pedidos de assinaturas e permutas devem ser encaminhados para EDIPUCRS.

Assinatura anual:

Brasil R\$ 22,00

Exterior US\$ 20

Número avulso R\$ 6,00

Formas de pagamento:

Cheque ou vale postal em nome da
Revista para EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS

Os artigos para publicação devem ser encaminhados para:

Revista Letras de Hoje

Pós-Graduação em Lingüística e

Letras - PUCRS

A/c Prof. Elvo Clemente

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS

A Revista aceita permutas

On demande l'échange

We ask exchange

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados

Composição:

SULIANI

Impressão:

EPECÉ

L 649 LETRAS DE HOJE/ Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras, PUCRS, - n.1 (out. 1967) - Porto Alegre: EDIPUCRS, 1967 -

v.; 22cm

Trimestral

ISSN 0101-3335

1. Lingüística - Periódicos. 2. Literatura - Periódicos.

I. PUCRS. Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras.

CDD 405

805

CDU 8(05)

Índices para Catálogo Sistemático

Lingüística: Periódicos 80(05)

Literatura: Periódicos 82/89 (05)

Periódicos: Lingüística (05)90

Periódicos: Literatura (05)90

Letras de Hoje
estudos e debates de
assuntos de lingüística,
literatura e língua
portuguesa

NÚMERO 103

LITERATURA PORTUGUESA

LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL
MARIA LUÍZA RITZEL REMÉDIOS
Organizadores

PUCRS

SUMÁRIO

Apresentação	
Luiz Antonio de Assis Brasil e Maria Luiza Ritzel Remédios	5
Eça de Queiroz e o Brasil	
Luiz Antonio de Assis Brasil	7
<i>O Primo Basílio: Por uma hermenêutica do amor</i>	
Angela Cogo Fronkowiak	13
<i>A Relíquia: (Auto)Biografia de um hipócrita?</i>	
Maria Luiza Ritzel Remédios	27
Um bardo dos tempos novos: A imagem queirosiana de Antero	
Carlos Reis	35
Desejo e culpa em <i>Amor de Perdição</i>, de Camilo Castelo Branco	
Miguel Rettenmaier da Silva	45
Maina Mendes: A busca da felicidade	
Gislaine Simone Silva Marins	59
Do confronto entre amor e poder em <i>O dia dos prodígios</i>, de Lídia Jorge	
Inara de Oliveira Rodrigues	65
A Poética de Alexandre O'Neill n' <i>A Saca de Orelhas</i>	
Cláudia Maria Perrone	77
Reinventando a História: Ficções de Mulheres e a Revolução de Abril	
Ana Paula Ferreira	87
O "Eterno Retorno" do Mito	
Kathrin Holzermayr Rosenfield	109
Celso Pedro Luft	
Elvo Clemente	117
Resenhas	
	121

APRESENTAÇÃO¹

O Centro de Estudos de Culturas de Língua Portuguesa (CE-CLIP), órgão de pesquisa vinculado ao Curso de Pós-Graduação em Letras, não poderia ficar fora de todas as manifestações que relembram Eça de Queiroz. Assim, *Letras de Hoje*, neste número, homenageia o sesquicentenário do nascimento de Eça de Queiroz, e o faz com a inclusão de alguns artigos referentes à Literatura Portuguesa e outros, específicos, sobre a vida e obra do gênio de Póvoa de Varzim. Desnecessário justificar o óbvio: a importância de Eça já ultrapassou o mapa cultural de seu País, e hoje é reconhecida sem contestação sua poderosa influência sobre a nossa Literatura, seja através de seus inúmeros trabalhos na imprensa do Brasil, seja pelo seu modelo de romance, que formou uma geração de escritores e leitores brasileiros. Nada mais natural, portanto, que a PUCRS viesse a somar-se às inúmeras manifestações que, em virtude da efeméride, se realizam nos povos de fala portuguesa. É o cumprimento de um dever, por certo, mas é também o retomar contato com uma obra que jamais perdeu o vigor, e que motiva não apenas o mundo acadêmico, mas também – e eis a marca de sua permanência e universalidade – o público em geral.

Contrapondo-se ao Romantismo decadente, que trazia em seu bojo a exaltação do constitucionalismo burguês, Eça desde logo percebeu que o caminho para a vitalização do panorama espiritual passava por uma revolução estética e ideológica, e essa foi feita por ele próprio e pelo grupo que se reuniu à volta das célebres conferências do Casino. Dono de um arsenal técnico muito superior à média, e sabendo que o romance seria a forma preferencial para (des)escrever largos painéis sociológicos, publica seu primeiro livro nesse gênero em 1876 – *O crime do Padre Amaro*. A partir daí, até à morte em 1900, Eça foi um escritor fecundo e original, e seu patrimônio literário parece inesgotável, haja vista a publicação póstuma de vários textos, como *A ilustre casa de Ramires*, *A cidade e as serras* e, mais recentemente, *A tragédia da*

¹ Esta edição já estava composta, quando se recebeu a notícia do falecimento do professor Celso Pedro Luft, antigo colaborador desta Revista; por essa razão, inclui-se, ao final texto em sua homenagem.

Rua das Flores. Para além dessas contribuições temáticas, Eça renovou o idioma, dotando-o de um frescor expressivo até então insuspeito; afastando a pecha de cultor do francesismo, ele soube recuperar recursos esquecidos da língua, modernizando-a e fazendo-a instrumento hábil a expressar todas as nuances psicológicas que novas personagens, de novos tempos, exigiam. Seus tipos humanos – Luísa, o Conselheiro Acácio (gerador inclusive do adjetivo acaciano), Afonso da Maia, Gonçalo Mendes Ramires, Artur Corvelo, entre outros – hoje são tão vivos que parecem seres de existência concreta, e já pertencem à galeria romanesca universal.

Numa perspectiva histórica, a obra de Eça de Queiroz significa um momento exemplar da Literatura Portuguesa, mas, mais do que isso, representa a intrínseca potencialidade de renovação de qualquer Literatura. Quando tudo parece explorado e dito, sempre haverá um autor excepcional a indicar novas sendas; nesse aspecto, a obra do escritor de *Os Maias* restará como um estímulo a novas e audaciosas experiências ficcionais. A lembrança do CECLIP e de *Letras de Hoje*, assim, vem pagar tributo ao intelectual múltiplo, responsável por um corpus literário verdadeiramente superior, capaz de sensibilizar as inteligências e provocar especulações teóricas como as que vemos aqui. Sabemos que muito fica por ser dito, e que muito ainda o será; mas essa parcela que hoje damos a público pretende trazer novas luzes sobre uma obra que reafirma o poder da mente criadora sobre todas as circunstâncias de tempo e espaço.

Luiz Antonio de Assis Brasil
Maria Luíza Ritzel Remédios
Organizadores

EÇA DE QUEIROZ E O BRASIL

LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL
PUCRS

É fato notório que Eça de Queiroz manteve relações com nosso País, e não apenas de natureza literária: seus vínculos pessoais com brasileiros foram importantes e com certo significado em sua obra, e justificam sua inclusão nesta breve notícia.

Para já, circunstâncias familiares, e outras, derivadas de sua formação, o prendem ao Brasil: seu pai aqui nasceu, em 1820, filho do português Dr. Joaquim José de Queiroz e Almeida; como numa espécie de continuidade, o futuro escritor, ainda criança, foi dado a criar a uma pernambucana, D. Ana Joaquina Leal de Barros, sob cujos cuidados viveria durante um largo período. Com ela aprenderia o sotaque e a prosódia brasileiros, além de modinhas e canções de Pernambuco, às quais sempre se referia com saudade. Talvez por todas essas razões ele tenha desejado, no início de sua carreira diplomática, servir em Salvador da Bahia, sendo posto de lado por haver pertencido à contestadora geração do Casino, hostil ao governo; mas ele preferiu atribuir o fato a que o consideravam – e o disse com ironia – como o chefe do Partido Republicano em Portugal.

Por outro lado, na vida de Eça acontecem duas amizades fundamentais com brasileiros: a primeira é com Eduardo Prado, jovem milionário paulista, filho de barões do café, monarquista convicto, diletante em letras e artes, *dandy* e *flâneur* permanente, com residência em Paris, na Rue de Rivoli nº 194, em frente ao jardim das Tulherias, a qual era dotada de uma magnífica biblioteca e uma inestimável coleção de obras de arte. Ali ele estabeleceu um salão onde eram admitidas figuras célebres das sociedades francesa, brasileira e portuguesa, incluindo-se, naturalmente, Eça de Queiroz, na altura desempenhando funções de agente diplomático na França. Homem sensível e dotado de agudo senso de humor, Prado era um grande *causeur*, servindo de modelo para o Fradique Mendes. Machado de Assis, que também o admirava, dele disse: "Mas a erudição e a História, não menos que a arte, era agora o seu maior encanto. Sabia bem todas as coisas que sabia".¹ O apartamento de Eduardo Prado tornou-se célebre por incorporar tudo que havia de novidade tecnológica, assombrando seus contemporâneos. Ao escrever *A cidade e as serras*, foi dele que Eça lembrou-se

¹ In PAGANO, Sebastião. *Eduardo Prado e sua época*. São Paulo: O Cetro, s.d., p. 271.

para inspirar a figura de Jacinto de Tormes. Assim, a morada parisiense de Jacinto era dotada de tubulações para água quente, morna e fria, que, como se sabe, num dia desastrado, romperam-se, inundando a cidade; possuía um elevador gastronômico que emperrou justo no momento de um jantar de cerimônia, obrigando os convidados a, alegremente, pescarem o peixe assado, utilizando, para isso, os grampos capilares das damas; ostentou em primeiro lugar, na França, o gramofone, que, aliás, também quebrou, ficando a repetir obsessivamente a mesma frase. Eduardo Prado, entretanto, foi muito além do simples papel de inspirador de personagens: dedicou a Eça uma perfeita amizade, que venceu o tempo e acompanhou o criador de *Os Maias* até à doença final; após o falecimento do amigo querido, foi o mesmo Eduardo Prado quem teve cuidados paternos com D. Maria Emília de Queiroz, amparando-a em sua viuvez precoce, acolhendo-a em sua casa, bem como aos filhos de Eça. A segunda "amizade brasileira" – esta de menor extensão e intensidade –, foi vivida com Domicio da Gama, diplomata, escritor de médio talento, sócio fundador da Academia Brasileira de Letras, e por quem Eça tinha grande estima, recebendo-o com frequência em sua residência de Neuilly. Em 1897 estiveram juntos na estação de águas de Plombières, nos Vosges, onde travaram grandes diálogos literários. Eça referia-se a ele como um homem leal, e chamava-o, em público e particular, pelo nome de *amigo*.

Quanto à presença literária de Eça no Brasil, essa foi ampla; além de ser muito lido aqui, o que é atestado por vários escritores brasileiros, durante dezesseis anos foi colaborador da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, da qual se considerava "hóspede quase permanente" – conforme assegura em carta de 1900² – e onde publicou *A reliquia* e *Cartas de Fradique Mendes*, mais tarde as demais seriam reunidas na famosa *Correspondência*. Heitor Lyra, em *O Brasil na vida de Eça de Queiroz*,³ refere ao fato de que

Como já desfrutasse da mais larga aceitação no Brasil, tudo o que lhe saía da pena era simplesmente devorado por seus inúmeros leitores e admiradores brasileiros, tornando-se ele, assim, um dos mais populares jornalistas de nossa imprensa diária. (p.147)

É necessário destacar a grande repercussão que tiveram no Brasil as críticas em *Farpas*, nas quais Eça satiriza D. Pedro II quando de sua visita a Portugal, e que foram reproduzidas pelos jornais daqui. Em seu texto, ele reprovava o comportamento burguês do monarca em Lisboa, sempre com sua maleta à mão e vestido muito simplesmente. Isso deu grande alce aos republicanos brasileiros, e, por óbvio, desagradou os defensores do Trono.

² Carta ao Diretor da *Revista Brasil-Portugal*, datada de janeiro de 1900. In *Eça de Queiroz – Correspondência*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, s.d., p. 524.

³ LYRA, Heitor. *O Brasil na vida de Eça de Queiroz*. Lisboa: Livros do Brasil, 1965.

Eça e Ramalho Ortigão, o co-autor de *Farpas*, foram então acusados, numa publicação denominada sintomaticamente *Farpões*, entre outras coisas, de serem "audaciosos e nojentos répteis".⁴

Essa polêmica não foi a única: em 1880 Eça publicou na *Gazeta de Portugal*, uma crônica sob o título de *Um artigo do Times sobre o Brasil*. Ali diz:

Com efeito, pobres de nós! Nunca fomos decerto para o Brasil senão amos amáveis e timoratos. Estávamos para com ele naquela melancólica situação de um velho fidalgo, solteirão arrasado, desdentado e trôpego, que treme e se baba diante de uma governanta bonita e forte. Nós é que verdadeiramente é que éramos colônia.

Embora usando de deboche quanto ao texto do Times, quase lhe dá razão ao afirmar: "O império do Oriente, no nosso passado, é um dos mais feios monumentos de ignomínia em todas as idades..." Esse texto acabou causando aborrecimentos a Eça, que se viu atacado por Pinheiro Chagas, dando início a um grande debate.

Com Machado de Assis, o maior escritor brasileiro de seu tempo, Eça teve um problema. Tudo começou com um mal-humorado artigo de Machado, de 1878, saído no *Cruzeiro*,⁵ e transcrito na imprensa portuguesa, no qual, embora louvando "o estilo vigoroso e brilhante", atacava de forma contundente *O Primo Basílio*. Colhendo o ensejo para dizer, na introdução, que *O crime do Padre Amaro* era uma imitação de Zola em *La faute de l'Abbé Mouret*, volta-se para o cru realismo do Basílio, condenando seus momentos eróticos, que eram, para ele, "uma reprodução fotográfica e servil das coisas mínimas e ignóbeis", cheio de "perversões físicas" fruto, segundo Machado, da adesão "aspérrima" à escola realista, "que só chegará à perfeição no dia em que nos disser o número exato dos fios de que se compõe um lenço de cambraia ou um esfregão de cozinha". A ligação entre Luísa e Basílio, para Machado, não passa de um episódio repugnante e vulgar. Nem as personagens secundárias foram perdoadas: o Conselheiro Acácio seria uma cópia servil da personagem de Henri Monier; depois, Machado revolta-se com o adjetivo "bestial", aplicado à gravidez da carvoeira que vive na rua de Luísa. "Bestial por quê? – "pergunta-se. "Dessa forma, a maternidade humana fica reduzida apenas a seu as-

⁴ In CAMPOS MATOS, A. (Org.). *Dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa: Caminho, 1988, p. 200-201. O autor refere, ainda, a um desdobramento deste episódio: "Entretanto, uma carta escrita de Portugal por um nome desconhecido para o editor de *Farpões*, insultuosa para os brasileiros, viria agravar a situação que veio a explodir em Goiana, cidade de Pernambuco, nos últimos dias de julho de 1872, onde no fim de um banquete um patriota acabara por levantar a cidade contra os portugueses, que dominavam aí o comércio, sendo necessário recorrer à ajuda da tropa do Recife para o restabelecimento da ordem".

⁵ ASSIS, Machado de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 903-913 (Vol. III)

pecto animal". Na substância do romance, Machado vê algo grave, "gravíssimo", de conteúdo literário: inconforma-se com o fato de Luísa não passar de um "títere", sem carne nem vida: seu conflito não vem de si mesma, de seu interior, como conviria a uma personagem bem-composta; antes resulta do simples acaso: se ela não tivesse extraviado uma carta, e se essa carta não tivesse caído nas mãos de Juliana, adeus romance: Jorge teria voltado do Alentejo, Basílio rumaria a Paris e tudo ficaria no melhor dos mundos possíveis. Se Eça quisesse dar alguma lição, um ensinamento, como queria o realismo, em sua "vocação social e apostólica", seria esse: as famílias deveriam escolher melhor seus criados. A resposta de Eça, datada de Newcastle (29.6.1878) vem numa carta⁶ apaziguadora: agradece a atenção de Machado de Assis, "nome tão estimado entre nós", e encara a questão sob o ponto-de-vista da escola realista. "Apesar de me ser em geral adverso, quase severo, e de ser inspirado por uma hostilidade quase partidária à Escola Realista – esse artigo, todavia, por sua elevação e pelo talento com que está feito, honra meu livro, quase lhe aumenta a autoridade. Quando conhecer os outros artigos de V.S., poderei permitir-me discutir suas opiniões sobre este – não em minha defesa pessoal (eu não valho), não em defesa dos graves defeitos do meu romance, mas em defesa da escola que eles representam e que eu considero como um elevado fator do progresso moral na sociedade moderna". Nessa mesma carta, Eça aproveitou para elogiar a literatura brasileira, que considera original e "progressiva", e despede-se dizendo que escreverá de novo sobre o assunto, reiterando "grande respeito" pelo "belo talento" de seu oponente. Ao que se saiba, essa outra carta não aconteceu, o que nos faz pensar que ele não quis remexer em algo que, apesar de tudo, considerava desagradável. Nesse lance, a par do evidente moralismo de Machado, constata-se que este não apreendeu o propósito também moralizador de Eça, para quem Luísa errou, e errou feio, e, por isso, restou-lhe apenas a morte.

Quanto aos brasileiros, Eça tinha uma concepção generosa: eram, para ele, "portugueses desabrochados"; isso não o impedia de ridicularizar as denominações dos nobres da terra, a quem chamava, gozador, de barões de "Seriquitó" ou condes de "Ipatapá", e considerasse os brasileiros tão toscos como seus geradores portugueses.

Em *A Correspondência de Fradique Mendes* há uma carta⁷ destinada a Eduardo Prado em que Eça é mais específico, e em certo sentido, contrário ao que antes dissera: atendendo ao um pedido do amigo, dispõe-se a dar sua opinião sobre o Brasil, considerando a tarefa dura e complicada. Diz que os brasileiros, "desde o Imperador ao trabalhador, andam a desfa-

zer e, portanto, a estragar o Brasil". Usa uma metáfora: os naturais desta terra, no início do século XIX, eram como artistas que possuíam o barro com que tanto poderiam fazer uma vasilha como um deus, e, ao invés de moldarem o deus, decidiram-se pela vasilha.

Eça também criticou o excesso de doutores brasileiros na carta referida, a inundação de doutores, doutores de toda a sorte, no exército, nos bancos, doutores capitães de navios, doutores músicos, doutores engenheiros, doutores farmacêuticos. "Uma tão despropositada legião de doutores" – diz ele – que "envolve todo o Brasil numa atmosfera de doutorice". Termina por fazer considerações de ordem política: provavelmente para agradar ao amigo, prognostica uma vida efêmera à República que se avizinhava, e a ser implementada pela ação dos jacobino-positivistas; em seu lugar surgirá um novo rei, ou imperador, que amará a natureza e detestará o livro – e essa será a *chance* do Brasil de desembaraçar-se de seu "tapete europeu" que tantos males já ocasionara. Eça imaginava um Brasil todo rural, com "casas simples, caiadas de branco, belas só pelo luxo do espaço, do ar, das águas, das sombras. Largas famílias, onde a prática das lavouras, da caça, dos fortes exercícios, desenvolvendo a robustez, aperfeiçoaria a beleza. Um viver frugal e são; idéias claras e simples e uma grande quietação de alma; desconhecimentos das falsas vaidades; afeições sérias e perduráveis..."; tal como viveu a América do Norte "antes do industrialismo e do mercantilismo, do capitalismo, do dolarismo". Na visão de nosso autor, porém, isso não aconteceu; o Brasil tornou-se uma espécie de colcha de retalhos de "instituições alheias", trazidas principalmente da França. "Os velhos e simples costumes foram abandonados com desdém; cada homem procurou para sua cabeça uma coroa de barão, e, com 47 graus de calor à sombra, as senhoras começaram a derreter dentro dos gorgurões e dos veludos ricos"; "...ensinou-se os sabiás a gorjear Madame Angot, e vendedores de retalho citavam Augusto Comte..." Aqui, Eça parece esquecer justamente aquilo de que o indigitavam, e que, em certa medida, corresponde à verdade: seus contemporâneos – e essa é uma idéia que ainda persiste em certos círculos portugueses – viam em sua obra e em seu estilo de vida uma forte influência francesa, o que se reflete na preferência pelos autores da França, pelas inúmeras referências lingüísticas ao idioma francês e pelas comparações desabonatórias que faz em relação a Portugal. Aliás, ele afirma, num prefácio que escreveu à edição francesa de *O mandarim* – em francês elegante:

Nous sommes des hommes d'émotion, pas de raisonnement. Nous savons chanter, quelques fois railler, jamais expliquer. Voilà pour-quoi il n'y a pas de critique en Portugal.

Os brasileiros ocupam lugar importante na obra queiroseana: assim há, em *Os Maias* um tal Castro Gomes (Joaquim Álvares de Castro Gomes), um homem superficial e devasso, dado às cocotes. Amante de Maria

⁶ In *Eça de Queiroz – Correspondência*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, s.d., p. 158-159. (Vol. I)

⁷ QUEIRÓS, Eça. *A correspondência de Fradique Mendes*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1971. p. 244-252.

Eduarda, possuía casa em Paris e com ela vivera por três anos. A caminho do Brasil, trouxe-a para Lisboa. Seu dublê surge também em *A tragédia da Rua das Flores*, no mesmo papel e com o mesmo nome: é ele quem traz Geneveva à capital portuguesa.

É preciso ressaltar outra categoria de brasileiros, na obra de Eça: são os emigrados que, após um período no Brasil, regressam à Pátria. Para essa classe de gente, nosso autor não economiza qualidades detestáveis, como o novo-riquismo. Basílio, ele próprio um emigrado de retorno, representa a arrogância do dinheiro e todos os seus males adjacentes, como o cinismo e o mau-caráter, que acabaram por corromper sua indefesa prima.

Em suma: Eça, relativamente ao Brasil, teve uma atitude ambivalente que poderia ser caracterizada por amor e recusa: se por um lado o apreciava por motivos familiares, por causa da amizade com Eduardo Prado e pela imensa legião de leitores que aqui desfrutava, por outro – num tom admoestador e pedagógico – pretendia moldar o País de acordo com seus critérios, que julgava os melhores para colocar-nos "no bom caminho". O fato é que deixou marcas indeléveis na nossa literatura, e contribuiu de modo efetivo para nosso desenvolvimento cultural, seja por seus trabalhos na imprensa brasileira, seja por seus romances, que, aliás, influenciaram e até hoje influenciam escritores; tudo isso fez com que Arnaldo Faro⁸ considerasse a presença de Eça no Brasil como um "fenômeno talvez único na literatura da língua".

⁸ FARO, Arnaldo. *Eça e o Brasil*. São Paulo: USP, 1977. p. 257.